

A CASA DE BERNARDA ALBA

Drama de mulheres nas aldeias da Espanha
de Federico García Lorca

Tradução de José Rubens Siqueira

Personagens

BERNARDA, 60 anos

MARIA JOSEFA, mãe de Bernarda, 80 anos

ANGÚSTIAS, filha de Bernarda, 39 anos

MADALENA, filha de Bernarda, 30 anos

AMÉLIA, filha de Bernarda, 27 anos

MARTÍRIO, filha de Bernarda, 24 anos

ADELA, filha de Bernarda, 20 anos

CRIADA, 50 anos

LA PONCIA, criada, 60 anos

PRUDÊNCIA, 50 anos

MENDIGA

MULHERES DE LUTO

PRIMEIRA MULHER

SEGUNDA MULHER

TERCEIRA MULHER

QUARTA MULHER

MOÇA

O poeta adverte que estes três atos têm a intenção de um documentário fotográfico

PRIMEIRO ATO

Sala branquíssima do interior da casa de Bernarda. Paredes grossas. Portas em arco com cortinas rústicas arrematadas com babados e pompons. Cadeiras de palhinha. Quadros de paisagens inverossímeis de ninfas ou reis lendários. Um grande silêncio sombrio paira sobre a cena. Ao se erguer a cortina, o palco está vazio. Ouve-se o dobrar de sinos.

Entra a Criada

CRIADA – Estou até as tampas com esses sinos.

LA PONCIA – *(entra comendo pão com linguiça)* Mais de duas horas desse toque fúnebre. Veio padre de tudo quanto é aldeia. A igreja está linda. No primeiro responsório, a Madalena desmaiou.

CRIADA – Essa é a que vai ficar mais sozinha.

PONCIA – Era a única que gostava do pai. Ai! Graças a Deus que a gente está sozinha um pouco! Eu vim comer.

CRIADA – Se a Bernarda te vê!

PONCIA – Ela ia querer agora que, como ela não come, todo mundo morresse de fome. Mandona! Dominadora! Mas que se dane! Abri o pote de linguiça dela.

CRIADA – *(com tristeza, ansiosa)* Por que não me dá um pouco para a minha filha, Poncia?

PONCIA – Pegue e leve também um pouco de grão de bico. Hoje ela não vai perceber!

VOZ – *(fora de cena)* Bernarda!

PONCIA – A velha. Está bem trancada?

CRIADA – Com duas voltas de chave.

PONCIA – Mas você tem que pôr a tranca também. Ela tem uns dedos que são cinco gazuas.

VOZ – Bernarda!

PONCIA – *(grita)* Já vai! *(Para a Criada)* Limpe bem tudo. Se a Bernarda não vê tudo reluzente me arranca os poucos cabelos que me restam.

CRIADA – Que mulher!

- PONCIA – Tirana com todo mundo em volta dela. É capaz de sentar em cima do seu coração e ver como você morre durante um ano sem tirar aquele riso frio que tem sempre na maldita cara. Limpe, limpe essa vidraça!
- CRIADA – Estou com as mãos sangrando de tanto esfregar tudo.
- PONCIA – Ela, a mais asseada, ela, a mais decente, ela, a superior. Bom descanso ganhou o pobre do marido.

Cessam os sinos.

- CRIADA – Os parentes vieram todos?
- PONCIA – Os dela. O pessoal dele tem ódio dela. Vieram ver o morto e fizeram o sinal da cruz para ele.
- CRIADA – Tem cadeira que baste?
- PONCIA – Sobrando. Que sentem no chão. Desde que o pai da Bernarda morreu, não vi entrar mais ninguém debaixo deste teto. Ela não quer que vejam ela em seus domínios. Maldita seja!
- CRIADA – Eu ela trata bem.
- PONCIA – Trinta anos lavando os lençóis, trinta anos comendo as sobras, noites em claro quando ela tosse, dias inteiros espiando os vizinhos pelas frestas para contar para ela; vida sem segredos uma com a outra e mesmo assim, maldita seja!, que um prego de dor fure os olhos dela.
- CRIADA – Mulher!
- PONCIA – Mas sou cachorra boa: lato quando me mandam e morde o calcanhar dos que pedem esmola quando ela me atiça. Meus filhos trabalham na terra dela e os dois já estão casados, mas um dia eu me encho.
- CRIADA – E nesse dia...
- PONCIA – Nesse dia, eu me tranco com ela num quarto e escarro em cima dela um ano inteiro. “Bernarda, por isto, por aquilo, por mais aquilo”, até deixar ela como um lagarto esmagado pelos meninos, que é isso que ela é e toda sua parentela. Claro que não invejo a vida dela. O que resta para ela são cinco mulheres, cinco filhas feias que, tirando Angústias, a mais velha, que é filha do primeiro marido e tem dinheiro, as outras, muita renda bordada, muita camisola de linho, mas de herança, nada de nada.

- CRIADA – Tomara eu tivesse o que elas têm!
- PONCIA – Nós temos as nossas mãos e uma cova na terra da verdade.
- CRIADA – É a única terra que deixam para nós que não temos nada.
- PONCIA – (*diante do armário*) Este vidro está manchado.
- CRIADA – Não sai nem com sabão, nem com pano.

Soam os sinos.

- PONCIA – O último responsório. Vou lá ouvir. Eu gosto do jeito que o padre canta. No Pai Nosso ele subiu, subiu a voz que parecia um cântaro se enchendo de água aos poucos. Claro que no final deu uma desafinada, mas dá gosto de ouvir! Agora, ninguém pe igual o antigo sacristão Tronchapinos. Na missa da minha mãe, que Deus a tenha, ele cantou. As paredes retumbavam e quando ele dizia amém era como se tivesse entrado um lobo na igreja. (*imita*) Améééén! (*tosse*).
- CRIADA – Vai arranhar a garganta!
- PONCIA – Por mim eu arranhava outra coisa! (*sai dando risada*).

A Criada varre. Soam os sinos.

- CRIADA – (*eleva a voz*) Tin, tin, tan. Tin, tin, tan. Que Deus perdoe ele!
- MENDIGA – (*com uma menina*) Louvado seja Deus!
- CRIADA – Tin, tin, tan. Que nos espere muitos anos! Tin, tin, tan.
- MENDIGA – (*em voz alta, com certa irritação*) Louvado seja Deus!
- CRIADA – (*irritada*) Para sempre seja louvado!
- MENDIGA – Vim buscar as sobras.

Cessam os sinos.

- CRIADA – Porta da rua, serventia da casa. As sobras de hoje são para mim.
- MENDIGA – Mulher, você tem quem ganhe pra você. Minha menina e eu somos sozinhas.
- CRIADA – Os cachorros também são sozinhos e vivem.
- MENDIGA – Sempre me dão.

CRIADA – Fora daqui. Que mandou entrar? Já deixaram marca dos pés. *(Elas saem, a Criada limpa)* Piso envernizado com azeite, despensa, pedestais, camas de ferro, enquanto a gente engole sapos, a gente que vive em casa de barro com um prato e uma colher. Deus queria que não sobre nenhum de nós para contar! *(os sinos voltam a tocar)* É, sim, venham os clamores! Que venha o caixão com fios dourados e panos de seda para levar ela embora! do jeito que você estiver eu também vou estar! Se conforme, Antonio Maria Benavides, esticado com seu terno de lã e as botas altas. Se conforme! Não vai mais levantar minhas saias atrás da porta do curral!

Do fundo, começam a entrar, duas a duas, as mulheres de luto, com grandes lenços, saias e leques pretos. Entram lentamente até encher o palco.

CRIADA – *(se põe a gritar)* Ai, Antonio Maria Benavides, não vai mais ver estas paredes, nem vai comer o pão desta casa. Eu fui a que mais lhe quis bem, de todas que te serviram. *(puxa o cabelo)* E tenho que viver depois que o senhor foi embora? Tenho que viver?

Acabam de entrar as duzentas mulheres e aparecem Bernarda e suas cinco filhas. Bernarda apoiada numa bengala.

BERNARDA – *(para a Criada)* Quieta!

CRIADA – *(chorando)* Bernarda!

BERNARDA – Menos gritos e mais trabalho. Devia ter deixado isto tudo mais limpo para receber as pessoas. Saia. Seu lugar não é aqui. *(a Criada sai, soluçando)* Os pobres são como animais. Parece que são feitos de outras substâncias.

PRIMEIRA MULHER – Os pobres também têm seus sofrimentos.

BERNARDA – Que esquecem diante de um prato de grão de bico.

MOÇA – *(tímida)* Precisa comer para viver.

BERNARDA – Na sua idade não se retruca os mais velhos.

PRIMEIRA – Quieta, menina.

BERNARDA – Nunca deixei ninguém me dar lição. Sentem. (*sentam-se. Pausa. Eleva a voz*) Madalena, não chore. Se quer chorar se enfie debaixo da cama. Ouvia?

SEGUNDA MULHER – Já começou o trabalho no campo?

BERNARDA – Ontem.

TERCEIRA – Um pôr do sol de chumbo.

PRIMEIRA – Faz anos que não vejo calor igual.

Pausa. Todas se abanam,

BERNARDA – Está pronta a limonada?

PONCIA – Está, Bernarda. (*entrando com uma grande bandeja cheia de copinhos brancos, que distribui*).

BERNARDA – Leve para os homens

PONCIA – Já estão tomando no pátio.

BERNARDA – Que saiam por onde entraram. Não quero que passem por aqui.

MOÇA – (*para Angústias*) Pepe Romano estava junto com os homens no enterro.

ANGUSTIAS – Estava, sim.

BERNARDA – A mãe dele estava. Ela viu foi a mãe. O Pepe ela não viu, nem ela, nem eu.

MOÇA – Eu achei que...

BERNARDA – Quem estava era o viúvo da Darajalí. Grudado na sua tia. Esse todo mundo viu.

SEGUNDA – (*aparte, em voz baixa*) Má, mais que má!

TERCEIRA – (*aparte, em voz baixa*) Língua afiada!

BERNARDA – As mulheres na igreja não devem olhar nenhum homem que não seja o padre. E esse porque usa saia. Olhar de lado é procurar o calor das calças.

PRIMEIRA – (*em voz baixa*) Velha lagarta seca!

PONCIA – (*entredentes*) – Louca pra sentir calor de verão!

BERNARDA – (*bate a bengala no chão*) Louvado seja Deus.

TODAS – (*fazem o sinal da cruz*) Para sempre seja louvado.

BERNARDA – Descanse em paz

Na mais santa companhia

- TODAS – Descanse em paz!
- BERNARDA – Com o anjo são Miguel
E sua espada justiceira.
- TODAS – Descanse em paz!
- BERNARDA – Com a chave que tudo abre
E a mão que tudo encerra.
- TODAS – Descanse em paz!
- BERNARDA – Com os bem aventurados
E as luzinhas do campo.
- TODAS – Descanse em paz!
- BERNARDA – Com nossa santa caridade
E as almas de terra e mar.
- TODAS – Descanse em paz!
- BERNARDA – Concede o descanso a seu servo Antonio Maria Benevides e dá-lhe a coroa de tua santa glória.
- TODAS – Amém.
- BERNARDA – *(põe-se de pé e canta)* Requiem aeternam dona eis, Domine.
- TODAS – *(de pé, cantam à maneira gregoriana)* Et lux perpetua luceat eis. *(fazem o sinal da cruz)*
- PRIMEIRA – Saúde para rezar por sua alma. *(Se deslocam em fila)*
- TERCEIRA – Que não te falte a tua porção de pão quente.
- SEGUNDA – Nem teto para tuas filhas. *(vão passando todas diante de Bernarda e saem)*

Angústias entra por outra porta, a que dá para o pátio.

- QUARTA – Do trigo do teu casamento continues desfrutando.
- PONCIA – *(entra com uma bolsa)* Da parte dos homens, esta bolsa de dinheiro para os responsáveis.
- BERNARDA – Agradeça e ofereça um copo de aguardente.
- MOÇA – *(para Madalena)* Madalena.
- BERNARDA – *(para as filhas. Para Madalena que inicia o lamento.)* Silêncio. *(saem todas, bate a bengala no chão, fala para as mulheres que saíram)*
Voltem para suas covas para criticar tudo o que viram aqui. Oxalá se

passem muitos anos antes de voltarem a entrar pelo arco da minha porta.

PONCIA – Você não pode se queixar. Veio a aldeia inteira.

BERNARDA – É. Para encher a minha casa com o suor de suas saias e o veneno de suas línguas.

AMÉLIA – Mãe, não fale assim!

BERNARDA – É assim que se tem de falar nesta maldita aldeia sem rio, aldeia sem poços, onde sempre se bebe a água com medo de que esteja envenenada.

PONCIA – Como ficou a soleira!

BERNARDA – Como se tivesse passado por ela uma manada de cabras. (*Poncia limpa o chão*) Menina, me dê um leque.

ADELA – Aqui, mãe. (*dá-lhe um leque pintado com flores vermelhas e verdes*)

BERNARDA – (*joga o leque no chão*) E isso é leque que se dê a uma viúva? Me dê um preto e aprenda a respeitar o luto pelo seu pai.

MARTIRIO – Pegue o meu.

BERNARDA – E você?

MARTIRIO – Não estou com calor.

BERNARDA – Pois vá buscar outro. Vai te fazer falta. Nos oito anos que vai durar o luto, não há de entrar nesta casa o vento da rua. Façam de conta que tapamos com tijolos as portas e janelas. Foi assim na casa de meu pai e na casa de meu avô. Enquanto isso, podem começar a bordar o enxoval. Tenho na arca vinte peças de linho para fronhas e lençóis. Madalena pode fazer os bordados.

MADALENA – Para mim tanto faz.

ADELA – (*ácida*) Se você não quer bordar, vão sem bordar. Assim os seus vão ser os mais bonitos.

MADALENA – Nem os meus, nem os seus. Eu sei que não vou mais casar. Prefiro levar sacos ao moinho. Tudo, menos ficar sentada dias e dias dentro desta sala escura.

BERNARDA – Isso é ser mulher.

MADALENA – Malditas sejam as mulheres,

BERNARDA – Aqui se faz o que eu mando. Não dá mais para se queixar com seu pai. Agulha e linha para as mulheres, Chicote e mula para os varões. É assim para gente que nasce com boas condições.

Adela sai.

VOZ – (*fora de cena*) Bernarda, me deixe sair!

BERNARDA – (*em voz alta*) Não liguem para ela.

Entra a Criada.

CRIADA – Ela foi muito difícil de segurar. Apesar dos oitenta anos, a sua mãe é forte feito um carvalho.

BERNARDA – Tem a quem puxar. Minha avó foi igual.

CRIADA – Durante o velório tive que tapar a boca dela várias vezes com um saco vazio porque queria chamar a senhora para dar água servida e carne de cachorro, que é o que ela diz que a senhora dá para ela.

MARTÍRIO – Sempre maldosa!

BERNARDA – (*para a Criada*) Deixe ela desabafar no pátio.

CRIADA – Tirou do cofre os anéis e os brincos de ametista, pôs e me disse que quer casar.

As filhas riem.

BERNARDA – Vá com ela e tome cuidado para ela não chegar perto do poço.

CRIADA – Não tenha medo que ela não pula.

BERNARDA – Não é por isso. É porque esse lugar dá para as vizinhas enxergarem da janela.

A Criada sai.

MARTÍRIO – Vamos trocar de roupa.

BERNARDA – Certo. Mas não o lenço de cabeça. (*Adela entra.*) E Angústias?

ADELA – (*com malícia*) Vi quando estava espiando pela fresta do portão. Os homens tinham acabado de sair.

BERNARDA – E você? O que foi fazer no portão também?

ADELA – Fui ver se as galinhas tinham botado.

BERNARDA – Mas os homens todos já tinham saído!

ADELA – (*insinuante*) Tinha ainda um grupo parado do lado de fora.

BERNARDA – (*furiosa*) Angústias! Angústias!

ANGUSTIAS – (*entra*) O que a senhora quer?

BERNARDA – Estava olhando o quê? Quem?

ANGUSTIAS – Ninguém.

BERNARDA – E é decente uma mulher da sua classe tentar fisgar um homem no dia da missa do pai? Responda! Estava olhando quem?

Pausa.

ANGUSTIAS – Eu...

BERNARDA – O quê?

ANGUSTIAS – Ninguém!

BERNARDA – (*avança com a bengala*) Lambisgóia! Piegas! (*bate nela*)

PONCIA – (*acorre*) Bernarda, calma! (*a detém*)

Angústias chora.

BERNARDA – Fora daqui todas!

Saem.

PONCIA – Ela não sabia o que estava fazendo, está muito mal. Fiquei chocada de ver que ela escapuliu para o pátio! Depois ficou atrás de uma janela, ouvindo a conversa dos homens que, como sempre, não dá para entender.

BERNARDA – Para isso que vão em enterros! (*com curiosidade*) Falavam do quê?

PONCIA – Falavam de Paca la Roseta. De noite, prenderam o marido dela na cocheira e ela levaram na garupa do cavalo até o alto do olival.

BERNARDA – E ela?

- PONCIA – Ela gostando. Dizem que ia com os peitos de fora, no colo do Maximiliano como se fosse um violão. Um horror!
- BERNARDA – E o que aconteceu?
- PONCIA – O que tinha de acontecer. Voltaram quase de dia. Paca la Roseta de cabelo solto, uma coroa de flores na cabeça.
- BERNARDA – É a única mulher vadia da aldeia.
- PONCIA – Porque não é daqui. É de muito longe. E os que foram com ela também são filhos de forasteiros. Os homens daqui não são capazes disso.
- BERNARDA – Não. Mas gostam de ver e comentar e lambem os beiços porque isso acontece.
- PONCIA – Falaram muitas coisas feias.
- BERNARDA – (*olha de lado para outro com certo temor*) O quê?
- PONCIA – Tenho vergonha de contar.
- BERNARDA – E minha filha ouviu?
- PONCIA – Claro!
- BERNARDA – Essa puxou às tias, brancas e sebosas com olhos de carneiro para os elogios de qualquer barbeirinho. Quanto se tem de sofrer e lutar para fazer as pessoas serem decentes e não puxarem muito aos seus!
- PONCIA – É que as suas filhas já estão em idade de casar! Te enfrentam muito pouco! Angústias já deve ter bem mais de trinta.
- BERNARDA – Trinta e nove justos.
- PONCIA – Pois então. E nunca teve noivo...
- BERNARDA – (*furiosa*) Não, nenhuma teve noivo e isso não faz falta nenhuma! Podem muito bem passar sem.
- PONCIA – Eu não quis ofender.
- BERNARDA – Não tem nas cem léguas em volta quem possa chegar perto delas. Os homens daqui não são da nossa classe. Quer que eu entregue minhas filhas para qualquer peão?
- PONCIA – Você devia ter ido para outra aldeia.
- BERNARDA – Isso. Para vender minhas filhas!
- PONCIA – Não, Bernarda. Para mudar... Claro que em outros lugares elas vão ser as pobretonas!
- BERNARDA – Cale essa boca de tormento!

- PONCIA – Com você não se pode falar. Temos ou não temos confiança!
- BERNARDA – Não temos. Você me serve e eu te pago. Mais nada!
- CRIADA – *(entra)* Está aí o seu Arturo que veio acertar a partilha.
- BERNARDA – Vamos lá. *(para a Criada)* Você comece a lavar o pátio. *(para Poncia)* E você vá guardando na arca grande toda a roupa do morto.
- PONCIA – A gente podia dar algumas coisas...
- BERNARDA – Nada. Nem um botão! Nem o lenço com que lhe cobrimos o rosto! *(sai lentamente, apoiada na bengala e ao sair volta o rosto e olha suas criadas. As criadas saem depois.)*

Entram Amélia e Martírio.

- AMELIA – Tomou o remédio?
- MARTIRIO – De que me adianta?
- AMELIA – Mas tomou?
- MARTIRIO – Eu já faço as coisas sem fé, como um relógio.
- AMELIA – Desde que veio o médico novo você está mais animada.
- MARTIRIO – Me sinto igual.
- AMELIA – Você viu? A Adelaide não veio no enterro.
- MARTIRIO – Eu já sabia. O noivo não deixa ela dar nem dois passos porta afora. Antes ela era alegre. Agora, nem passa pó na cara.
- AMELIA – Não dá para saber se é melhor ter noivo ou não.
- MARTIRIO – Tanto faz.
- AMELIA – A culpa disso tudo é essa intriga que não deixa a gente viver. A Adelaide deve ter passado um mau bocado.
- MARTIRIO – Têm muito medo da nossa mãe. É a única que conhece a história do pai dela e a origem das terras dele. Sempre que ela vem aqui, dá umas cutucadas no assunto. O pai dela matou em Cuba o marido da primeira mulher para casar com ela. Depois, aqui, largou dela e foi com uma outra que tinha uma filha, e aí teve relações com essa moça, a mãe da Adelaide, e casou com ela quando a segunda mulher morreu louca.
- AMELIA – E esse infame, por que não está na cadeia?
- MARTIRIO – Porque os homens escondem entre eles as coisas desse tipo e ninguém tem coragem de delatar.

- AMELIA – Mas a Adelaide não tem culpa disso.
- MARTIRIO – Não. Mas as coisas se repetem. Eu percebo que é tudo uma terrível repetição. E ela tem o mesmo destino da mãe e da avó, as duas mulheres daquele que lhe deu a vida.
- AMELIA – Que coisa incrível!
- MARTIRIO – É preferível não ver um homem nunca. Desde pequena tive medo deles. Quando via no curral eles atrelarem os bois e erguerem os sacos de trigo aos gritos e chutes e sempre tive medo de crescer e me ver de repente abraçada por eles. Deus me fez doente e feia e isso afastou definitivamente os homens de mim.
- AMELIA – Não diga isso! O Enrique Humanes te procurava e gostava de você.
- MARTIRIO – Invencionice dos outros! Uma noite, fiquei de camisola atrás da janela até amanhecer porque ele mandou avisar pela filha de um peão que vinha e não veio. Tudo coisa das más línguas. Depois, casou com outra que tinha mais do que eu.
- AMELIA – E feia feito um demônio.
- MARTIRIO – O que interessa para eles a feiura? Eles só se interessam pela terra, pelo gado e por uma cadela submissa que lhe dê de comer.
- AMELIA – Ai! (*entra Madalena*).
- MADALENA – O que vocês estão fazendo?
- MARTIRIO – Estamos aqui.
- AMELIA – E você?
- MADALENA – Percorri os quartos para andar um pouco. Ver os quadros bordados em talagarça da nossa avó, o cachorrinho peludo e o negro lutando com o leão que a gente tanto gostava em criança. Era uma época mais alegre. Uma festa de casamento durava dez dias e não usavam tanto as más línguas. Hoje tem mais finura, as noivas usam véu branco como nas cidades e se bebe vinho de garrafa, mas a gene apodrece pelo que dizem.
- MARTIRIO – Sabe Deus o que acontecia naquele tempo!
- AMELIA – (*para Madalena*) Seu sapato está desamarrado.
- MADALENA – Que importância tem!
- AMELIA – Você pode pisar e cair.
- MADALENA – Uma de menos!

MARTIRIO – E Adela?

MADALENA – Ah! Ela vestiu o vestido verde que fez para estrear no dia do aniversário, foi até o curral e começou a gritar: “Galinhas, galinhas, olhem para mim!” Eu morri de rir!

AMELIA – Se a mãe visse!

MADALENA – Coitadinha! É a mais nova e tem ilusões. Eu dava tudo para ela ser feliz!

Pausa. Angústias atravessa a cena com umas toalhas na mão.

ANGUSTIAS – Que horas são?

MARTIRIO – Deve ser meio dia.

ANGUSTIAS – Já?

MARTIRIO – Está para bater.

Angústias sai.

MADALENA – *(com intenção)* Você já está sabendo...? *(indica Angústias)*

AMELIA – Não.

MADALENA – Ora!

MARTIRIO – Não sei do que você está falando...!

MADALENA – Vocês duas sabem melhor do que eu, sempre cabeça com cabeça como dois carneirinhos, mas sem contar para ninguém! O Pepe el Romano!

MARTIRIO – Ah!

MADALENA – *(arremeda)* Ah! Já estão comentando na aldeia. O Pepe el Romano vem para casar com a Angústias. Ontem de noite ficou rondando a casa e acho que logo vai mandar um mensageiro.

MARTIRIO – Fico feliz. É um bom homem.

AMERLIA – Eu também. Angústias tem muitas qualidades.

MADALENA – Nenhuma de vocês duas fica feliz.

MARTIRIO – Madalena! Mulher!

MADALENA – Se ele viesse pelo tipo da Angústias, pela Angústias como mulher, eu ficava feliz, mas ele vem pelo dinheiro. Mesmo a Angústias sendo nossa irmã, nós aqui estamos em família e sabemos que ela está velha,

doentia e que sempre foi a que tem menos mérito de nós todas. Porque se com vinte anos ela parecia uma tábua de vestido, que dirá agora que tem quarenta!

MARTIRIO – Não fale assim. A sorte vem para quem mesmo espera.

AMELIA – Enfim, você tem razão! Angústias tem o dinheiro do pai dela, é a única rica da casa e por isso, agora que nosso pai morreu e vão fazer as partilhas, vêm atrás dela!

MADALENA – Pepe el Romano tem vinte e cinco anos e é o melhor homem de todos por aqui. O natural seria que ele pretendesse você, Amélia, ou a nossa Adela, que tem vinte anos, mas não que venha atrás do que há de mais escuro nesta casa, uma mulher que, igual o pai dela, fala pelo nariz.

MARTIRIO – Pode ser que ele goste!

MADALENA – Eu nunca consegui aguentar a hipocrisia dela!

MARTIRIO – Valei-nos Deus!

Adela entra.

MADALENA – As galinhas te viram?

ADELA – E o que você queria que elas fizessem?

AMELIA – Se a mãe te vê assim, te arrasta pelo cabelo!

ADELA – Eu esperava tanto deste vestido. Pensei que ia usar no dia em que a gente ia comer melancia na roda gigante. Não ia ter nenhum igual!

MARTIRIO – Muito lindo esse vestido!

ADELA – E me cai muito bem. É o melhor que a Madalena já fez.

MADALENA – E o que as galinhas disseram?

ADELA – Me deram de presente umas pulgas que me picaram as pernas. (*riem*)

MARTIRIO – O que você pode fazer é tingir de preto.

MADALENA – O melhor seria dar de presente para Angústias para o casamento com o Pepe el Romano!

ADELA – (*com emoção contida*) Mas o Pepe el Romano...!

AMELIA – Não ouviu dizer?

ADELA – Não.

MADALENA – Pois agora já sabe.

ADELA – Mas não pode ser!

MADALENA – O dinheiro tudo pode!

ADELA – Por isso ele saiu da turma do enterro e ficou olhando pelo portão:
(*pausa*) E esse homem é capaz de...

MADALENA – É capaz de tudo.

Pausa.

MARTIRIO – O que você está pensando, Adela?

ADELA – Que este luto me pegou no pior momento da minha vida.

MADALENA – Já já você acostuma.

ADELA – (*cai em prantos com raiva*) Não, não vou me acostumar! Eu não quero ficar trancada. Não quero que a minha carne fique como a de vocês! Não quero perder minha brancura nestes quartos! Amanhã eu visto meu vestido verde e saio passear na rua! Eu quero sair!

Entra a Criada.

MADALENA – (*autoritária*) Adela

CRIADA – Coitada! Como está sofrendo pelo pai! (*sai*)

MARTIRIO – Quieta!

AMELIA – O que acontecer com uma vai acontecer com todas.

Adela se acalma.

MADALENA – A criada quase te escutou.

CRIADA – (*aparece*) O Pepe el Romano está vindo pela rua.

Amélia, Martírio e Madalena correm, agitadas.

MADALENA – Vamos ver ele! (*saem depressa*)

CRIADA – (*para Adela*) Você não vai?

ADELA – Não me interessa.

CRIADA – Quando ele virar a esquina, da janela do seu quarto vai dar para ver melhor. (*a Criada sai*)

Adela fica em cena, pensando, depois de um instante, sai depressa também.

Entram Bernarda e a Poncia.

BERNARDA – Maldita partilha!

PONCIA – Quanto dinheiro ficou para a Angústias!

BERNARDA – É.

PONCIA – E para as outras bem menos.

BERNARDA – Você já me disse isso três vezes e eu não quis responder. Bem menos, muito menos. Não me lembre mais disso.

Entra Angústias com o rosto muito severo.

BERNARDA – Angústias!

ANGUSTIAS – Mãe.

BERNARDA – Mas você teve coragem de passar pó no rosto? Teve coragem de lavar o rosto no dia da missa do seu pai?

ANGUSTIAS – Não era meu pai. O meu morreu faz muito tempo. Será que não lembra mais?

BERNARDA – Mas você deve mais a esse homem, pai de suas irmãs, mais do que ao seu! Graças a esse homem sua fortuna está garantida.

ANGUSTIAS – Isso é o que veremos!

BERNARDA – Mesmo que só por decência! Por respeito.

ANGUSTIAS – Mãe, me deixe sair.

BERNARDA – Sair? Depois que tirar esse pó da cara, *suavona* ??? Pois sim! Espelho das tuas tias! (*com um lenço, remove violentamente o pó do rosto dela*) Agora vá!

PONCIA – Bernarda, não seja tão dura!

BERNARDA – Minha mãe pode estar louca, mas eu estou com meus cinco sentidos e sei perfeitamente o que faço.

Entram todas.

MADALENA – O que foi?

BERNARDA – Não foi nada.

MADALENA – *(para Angústias)* O que foi é que estavam discutindo a partilha, você que é a mais rica pode ficar com tudo.

ANGUSTIAS – Dobre a língua!

BERNARDA – *(bate a bengala no chão)* Não se iludam que vão poder comigo! Enquanto eu não sair desta casa com os pés pela frente, eu mando no meu e no de vocês!

Ouvem-se vozes e entra em cena Maria Josefa, a mãe de Bernarda, velhíssima, ataviada com flores na cabeça e no peito.

MARIA JOSEFA – Bernarda, onde está minha mantilha? Nada do que eu tenho quero que fique para vocês: nem meus anéis, nem meu vestido preto de moarê. Porque nenhuma de vocês vai casar. Nenhuma! Bernarda, me dê minha gargantilha de pérolas!

BERNARDA – *(para a Criada)* Por que deixou ela sair?

CRIADA – *(tremendo)* Ela escapou!

MARIA JOSEFA – Escapei porque quero casar, porque quero casar com um homem bonito da beira do mar, porque os homens daqui fogem das mulheres.

BERNARDA – Quieta, mãe!

MARIA JOSEFA – Não fico quieta não. Não quero ver essas mulheres solteiras espumando pela boca, moendo em pó o coração, eu quero ir para a minha terra. Bernarda, eu quero um homem para casar e ter alegria!

BERNARDA – Tranquem ela!

MARIA JOSEFA – Me deixe sair, Bernarda!

A Criada agarra Maria Josefa.

BERNARDA – Ajudem, vocês! *(todas arrastam a Velha para fora)*

MARIA JOSEFA – Quero ir embora daqui, Bernarda! Para casar na beira do mar, na beira do mar.

Cortina rápida.

SEGUNDO ATO

Sala branca no interior da casa de Bernarda. A porta da esquerda dá para os quartos. As filhas de Bernarda estão sentadas em cadeiras baixas, costurando. Madalena borda. Poncia está com elas.

ANGUSTIAS – É o terceiro lençol que eu corto.

MARTIRIA – É o da Amélia.

MADALENA – Angústias, ponho também as iniciais do Pepe?

ANGUSTIAS – (*seca*) Não.

MADALENA – (*chama*) Adela, você não vem?

AMELIA – Deve estar jogada na cama.

PONCIA – Não sei o que tem essa aí. Não tem sossego, tremendo, assustada, como se tivesse uma lagartixa entre os peitos.

MARTIRIO – Não tem nada mais nem menos do que nós todas.

MADALENA – Todas, menos a Angústias.

ANGUSTIAS – Eu estou bem e quem não está que se arrebente.

MADALENA – Não se pode negar que o melhor que você sempre teve foi o porte e a delicadeza.

ANGUSTIAS – Felizmente vou sair logo deste inferno.

MADALENA – Talvez não saia!

MARTIRIO – Vamos parar com essa conversa!

ANGUSTIAS – E, além disso, mais vale ouro no cofre que olhos negros na cara!

MADALENA – Me entra por um ouvido e sai pelo outro.

AMELIA – (*para Poncia*) Abra a porta do pátio para ver se entra um pouco de ar fresco.

Poncia abre.

MARTIRIO – Noite passada não consegui dormir de calor.

AMELIA – Nem eu!

MADALENA – Levantei para me refrescar. Tinha uma nuvem negra de tempestade e até caíram umas gotas.

PONCIA – Era uma da madrugada e saía foto da terra. Eu também levantei. A A Angústias ainda estava com o Pepe na varanda.

MADALENA – (*com ironia*) Tão tarde? Que horas ele foi embora?

ANGUSTIAS – Madalena, por que pergunta se você viu?

AMELIA – Ouvi a tosse dele e os passos do cavalo!

PONCIA – Pois eu ouvi ele ir embora era umas quatro!

ANGUSTIAS – Não devia ser ele!

PONCIA – Tenho certeza!

AMELIA – Eu também achei que era!

MADALENA – Que coisa mais esquisita!

Pausa.

PONCIA – Escute, Angústias, o que foi que ele disse a primeira vez que chegou na sua janela?

ANGUSTIAS – Nada! O que podia dizer? Coisas de conversa.

MARTIRIO – Realmente é bem esquisito duas pessoas que não se conhecem se encontrarem de repente na grade de uma janela e já ficarem noivos.

ANGUSTIAS – Pois não me chocou.

AMELIA – Eu não sei o que eu fazia.

ANGUSTIAS – Não, porque quando um homem chega na grade já está sabendo pelo vai e vem, pelo leva e traz, que a pessoa vai dizer sim.

MARTIRIA – Bom, mas ele tinha que te falar.

ANGUSTIAS – Claro!

AMELIA – (*curiosa*) E como ele falou?

ANGUSTIAS – Pois nada: “Você já sabe que estou atrás de você, que preciso de uma mulher boa, comportada e essa é você, se me der confirmação!”

AMELIA – Eu tenho vergonha dessas coisas!

ANGUSTIAS – Eu também, mas a gente tem que enfrentar!

PONCIA – E falou mais alguma coisa?

ANGUSTIAS – Claro, falou, sim.

MARTIRIO – E você?

ANGUSTIAS – Eu não consegui. Meu coração estava quase saindo pela boca. Era a primeira vez que eu ficava sozinha de noite com um homem.

MADALENA – E um homem tão bonito.

ANGUSTIAS – Não é feio!

PONCIA – Isso é coisa de gente já um pouco instruída que fala e diz e faz gesto com a mão... A primeira vez que meu marido Evaristo el Colorín chegou na minha janela... Ha, ha, ha!

AMELIA – Como foi?

PONCIA – Estava muito escuro. Eu vi ele chegando e quando chegou falou: “Boa noite.” “Boa noite”, eu respondi e ficamos quietos mais de meia hora. Suor escorrendo pelo meu corpo inteiro. Então, o Evaristo chegou mais perto, mais perto, parecia que queria atravessar a grade e disse bem baixinho: “Chegue um pouco pra eu sentir você!” (*riem todas*)

Amélia se levanta correndo e espia pela porta.

AMELIA – Ai! Achei que a mãe vinha vindo!

MADALENA – Botava tudo no lugar!

Continuam rindo.

AMELIA – Shh!... Ela vai ouvir!

PONCIA – Depois ficou bem comportado. Em vez de partir para outra coisa, partiu para criar pintassilgos até morrer. Vocês, que são solteiras, é bom saberem de todo jeito que quinze dias depois do casamento o homem troca a cama pela mesa e depois a mesa pelo botequim. E quem não se conforma apodrece chorando pelos cantos.

AMELIA – Você se conformou?

PONCIA – Eu podia com ele!

MARTIRIO – E verdade que você chegou a bater nele?

PONCIA – É. E por pouco não deixo ele caolho.

MADALENA – Toda mulher devia ser assim!

PONCIA – Sou da mesma escola da sua mãe. Um dia, ele me disse não sei o quê e eu matei todos os pintassilgos com a mão do pilão. (*riem*).

MADALENA – Adela, menina! Você está perdendo isto aqui.

AMELIA – Adela.

Pausa

- MADALENA – Vou ver! (*sai*)
- PONCIA – Essa menina não está boa!
- MARTIRIO – Claro. Quase não dorme!
- PONCIA – E faz o quê?
- MARTIRIO – Eu sei lá o que ela faz!
- PONCIA – Você deve saber melhor do que eu, você que dorme parede-meia com ela.
- ANGUSTIAS – Está roída de inveja.
- AMELIA – Não exagere.
- ANGUSTIAS – Dá para ver nos olhos. Está ficando com olhar de louca.
- MARTIRIO – Não fale de loucos. Aqui é o único lugar onde não se pode pronunciar essa palavra.

Entram Madalena e Adela.

- MADALENA – Então não estava dormindo?
- ADELA – Estou com dor no corpo.
- MARTIRIO – (*insinuante*) Não dormiu bem de noite?
- ADELA – Dormi.
- MARTIRIO – Então.
- ADELA – (*forte*) Me deixe! Dormindo ou acordada você não tem por que se meter comigo! Eu faço com o meu corpo o que eu bem entender!
- MARTIRIO – É só preocupação com você!
- ADELA – Preocupação ou interrogatório? Vocês não estavam costurando? Pois continuem! Eu queria ser invisível, passar pela casa sem vocês perguntarem aonde eu vou!
- CRIANDA – (*entra*) Bernarda está chamando. Chegou o homem das rendas. (*Saem.*)

Ao sair, Martírio olhar fixamente para Adela.

- ADELA – Não olhe mais para mim! Se quiser, eu te dou os meus olhos que têm frescor e as minhas costas para compensar a corcunda que você tem, mas olhe para o outro lado quando eu passar.
- PONCIA – Adela, ela é sua irmã e, além disso, a que mais te quer bem!
- ADELA – Me segue para todo lado. Às vezes, aparece no meu quarto para ver se eu estou dormindo. Não me deixa respirar. E sempre: “Que pena esse rosto! Que pena esse corpo que não vai ser de ninguém!” Isso não! Meu corpo vai ser de quem eu quiser!
- PONCIA – (*com firmeza, em voz baixa*) De Pepe el Romano, não é?
- ADELA – (*surpresa*) O que você disse?
- PONCIA – Isso mesmo que eu disse, Adela!
- ADELA – Fique quieta!
- PONCIA – (*em voz alta*) Acha que eu não percebi?
- ADELA – Fale baixo!
- PONCIA – Mate esses pensamentos!
- ADELA – Você não sabe de nada!
- PONCIA – Nós, velhas, enxergamos através das paredes. Onde você vai de noite quando levanta?
- ADELA – Você devia estar cega!
- PONCIA – Com a cabeça e as mãos cheias de olhos quando se trata do que se trata. Por mais que eu pense, não sei o que você pretende. Por que você se botou quase nua, com a luz acesa e a janela aberta, quando Pepe passou no segundo dia que veio falar com sua irmã?
- ADELA – Não é verdade!
- PONCIA – Não seja criança! Deixe em paz a sua irmã e se você gosta de Pepe el Romano, se controle. (*Adela chora*) Além disso, quem falou que você não pode casar com ele? Sua irmã Angústias é uma doente. Essa não resiste ao primeiro parto. Tem quadril estreito, é velha e com o meu conhecimento te digo que ela morre. Então, Pepe vai fazer o que fazem todos os viúvos desta terra: casa com a mais jovem, a mais bonita e essa é você. Alimente essa esperança, esqueça dele, faça o que quiser, mas não vá contra a lei de Deus.
- ADELA – Cale a boca!
- PONCIA – Não calo!

- ADELA – Meta-se com a sua vida, intrometida, pérfida!
- PONCIA – Hei de ser a sua sombra!
- ADELA – Em vez de limpar a casa e deitar para rezar pelos mortos, você fica farejando como uma porca velha coisas de homens e mulheres para se babar com isso.
- PONCIA – Vigio, para as pessoas não cuspirem quando passam por esta porta.
- ADELA – Que carinho tão grande você tem de repente pela minha irmã!
- PONCIA – Não tenho obrigação com nenhuma, mas quero viver em casa decente. Não quero me sujar depois de velha!
- ADELA – Inútil me aconselhar. Tarde demais. Não passaria por cima de você, que é uma criada, mas por cima da minha mãe eu passaria, para apagar esse fogo que me sobe pelas pernas até a boca. O que você pode dizer de mim? Que eu me tranco no meu quarto e não abro a porta? Que eu não durmo? Sou mais esperta que você! Vamos ver se consegue pegar a lebre com a mão.
- PONCIA – Não me desafie, Adela, não me desafie! Porque eu posso falar, acender luzes e fazer tocarem os sinos.
- ADELA – Pode trazer quatro mil velas amarelas e acender nos tapumes do curral. Ninguém vai conseguir evitar que aconteça o que tiver de acontecer.
- PONCIA – Gosta tanto assim desse homem!
- ADELA – Gosto! Olho nos olhos dele e me parece que bebo o seu sangue devagar.
- PONCIA – Não posso ouvir isso.
- ADELA – Pois vai ouvir! Tinha medo de você. Mas agora eu sou mais forte que você!

Entra Angústias

- ANGUSTIAS – Sempre discutindo!
- PONCIA – Claro. Com o calor que está fazendo insiste para eu ir buscar não sei o que na loja.
- ANGUSTIAS – Comprou meu vidro de perfume!
- PONCIA – Do mais caro. E o pó de arroz. Pus em cima da mesa do seu quarto.

Sai Angústias.

ADELA – E calada!

PONCIA – Veremos!

Entram Martírio, Amélia e Madalena

MADALENA – *(para Adela)* Você viu as rendas?

AMELIA – As da Angústias para os lençóis de noiva são preciosas.

ADELA – *(para Martírio que traz umas rendas)* E essas?

MARTIRIO – São para mim. Para uma combinação.

ADELA – *(com sarcasmo)* Precisa muito bom humor!

MARTIRIO – *(intensa)* Para mim mesma. Não preciso me exhibir para ninguém.

PONCIA – Ninguém vê ninguém de combinação.

MARTIRIO – *(insinuante, olhando para Adela)* – Às vezes! Mas eu gosto de roupa íntima. Se fosse rica, usava tudo de linho. É um dos poucos gostos que me resta.

PONCIA – Essa renda é perfeita para gorro de bebê, para mantinha de batismo. Eu nunca pude usar com os meus. Vamos ver se agora a Angústias usa com os dela. Quando tiver filhos, vai ficar costurando o dia inteiro.

MADALENA – Eu não quero dar nem um ponto.

AMELIA – E muito menos cuidar dos filhos dos outros. Olhem como estão as vizinhas do beco, sacrificadas com quatro pinguinhos de gente.

PONCIA – Estão melhor que vocês.

MARTIRIO – Pois então vá trabalhar para elas.

PONCIA – Não. O destino me deu foi este convento!

Ouvem-se sinetas ao longe, como se através de várias paredes.

MADALENA – São os homens voltando para o trabalho.

PONCIA – Faz um minuto que bateu três horas.

MARTIRIO – Com esse sol!

ADELA – *(senta-se)* Ai, quem me dera eu também pudesse sair para o campo!

MADALENA – Cada classe tem de fazer sua parte!

MARTIRIO – Isso mesmo!

AMELIA – (*senta-se*) Ai!

PONCIA – Não tem alegria maior que os campos nesta época. Ontem de manhã chegaram os ceifadores. Quarenta, cinquenta bons rapazes.

MADALENA – De onde vieram este ano?

PONCIA – De muito longe. Vieram dos montes. Alegres! Queimados como árvores! Gritavam e atiravam pedras! De noite, chegou no povoado uma mulher com roupa de lantejoulas e que dançava com uma sanfona, e quinze rapazes contrataram ela para levar até o olival. Eu vi de longe. O que estava contratando era um rapaz de olhos verdes, espigado como um feixe de trigo.

AMELIA – E está certo isso?

ADELA – Mas é possível!

PONCIA – Anos atrás veio outra dessas e eu mesma dei dinheiro para meu filho mais velho ir com ela. Os homens precisam dessas coisas.

ADELA – Aos homens perdoam tudo.

AMELIA – Nascer mulher é o maior castigo.

MADALENA – A gente não é dona nem dos próprios olhos.

Ouve-se um canto distante que vai se aproximando.

PONCIA – São eles. Trouxeram uns cantos lindos.

AMELIA – Agora vão ceifar.

CORO – Lá vêm vindo os ceifeiros
em busca das espigas;
roubando o coração
das moças que assistem.

Ouvem-se pandeiros e reco-recos. Pausa. Todas ouvem num silêncio transpassado pelo sol.

AMELIA – E eles não ligam para o calor!

MARTIRIO – Ceifam entre labaredas.

ADELA – Eu gostaria de poder ceifar, para ir e vir. Assim a gente esquece o que nos morde.

MARTIRIO – O que você tem para esquecer?

ADELA – Cada uma sabe das suas coisas.

MARTIRIO – (*profunda*) Cada uma!

PONCIA – Quietas! Quietas!

CORO – (*muito distante*)

Abram portas e janelas
as que moram no povoado.
O ceifador pede rosas
Para enfeitar seu chapéu.

PONCIA – Que canto!

MARTIRIO – (*com nostalgia*) Abram portas e janelas

As que moram no povoado...

ADELA – (*com paixão*) ...o ceifador pede rosas

Para enfeitar seu chapéu.

O canto se distancia.

PONCIA – Agora estão virando a esquina.

ADELA – Vamos ver da janela do meu quarto.

PONCIA – Tenham cuidado de não abrir demais porque é capaz de eles empurrarem para ver quem está olhando.

Saem as três. Martirio continua sentada na cadeira baixa com a cabeça entre as mãos.

AMELIA – (*aproxima-se*) O que você tem?

MARTIRIO – Me dou mal com o calor.

AMELIA – Só isso mesmo?

MARTIRIO – Queria que chegasse novembro, os dias de chuva, a geada, tudo o que não seja este verão interminável.

- AMELIA – Logo passa e volta outra vez.
- MARTIRIO – Claro! (*pausa*) Que hora você foi dormir ontem de noite?
- AMELIA – Não sei. Eu durmo como uma pedra. Por quê?
- MARTIRIO – Por nada, mas parece que eu ouvi gente no curral.
- AMELIA – É mesmo?
- MARTIRIO – Muito tarde.
- AMELIA – E não ficou com medo?
- MARTIRIO – Não. Eu já ouvi outras noites.
- AMELIA – A gente tem de tomar cuidado. Será que não eram os peões?
- MARTIRIO – Os peões chegam às seis.
- AMELIA – Quem sabe uma mulinha xucra?
- MARTIRIO – (*entredentes, cheia de segundas intenções*) Isso. Isso! Uma mulinha xucra.
- AMELIA – Precisa cuidar disso.
- MARTIRIO – Não, não! Não fale nada, pode ser impressão minha.
- AMELIA – Talvez. (*pausa. Amélia começa a sair*)
- MARTIRIO – Amélia!
- AMELIA – (*na porta*) O quê?

Pausa.

- MARTIRIO – Nada.

Pausa.

- AMELIA – Por que me chamou?

Pausa.

- MARTIRIO – Escapou. Foi sem querer.

Pausa.

- AMELIA – Vá deitar um pouco.

ANGUSTIAS – *(entra em cena furiosa, de modo que haja um grande contraste com os silêncios anteriores)* Onde está o retrato do Pepe que estava debaixo do meu travesseiro? Quem de vocês pegou?

MARTIRIO – Ninguém.

AMELIA – Nem que o Pepe fosse um *são* Bartolomeu de prata.

Entram Poncia, Madalena e Adela.

ANGUSTIAS – Onde está o retrato?

ADELA – Que retrato?

ANGUSTIAS – Uma de vocês escondeu.

MADALENA – Você tem o descaramento de dizer isso?

ANGUSTIAS – Estava no meu quarto e não está mais.

MARTIRIO – Será que escapou para o curral, à meia noite? O Pepe gosta de andar com a lua.

ANGUSTIAS – Não me amole com brincadeira! Quando ele vier eu conto para ele.

PONCIA – Isso não! Porque vai aparecer. *(olha para Adela)*

ANGUSTIAS – Gostaria de saber com qual de vocês está!

ADELA – *(olha para Martírio)* Alguma será! Todas menos eu!

MARTIRIO – *(firme)* Claro!

BERNARDA – *(entra com sua bengala)* Que escândalo é esse na minha casa e com o silêncio do peso do calor! As vizinhas devem estar com o ouvido pregado nas paredes.

ANGUSTIAS – Pegaram o retrato do meu noivo.

BERNARDA – *(feroz)* Quem? Quem?

ANGUSTIAS – Essas aí!

BERNARDA – Qual de vocês? *(silêncio)* Respondam! *(silêncio. Para Poncia.)* Reviste os quartos, olhe nas camas. Isso que dá deixar a rédea solta. Vão sonhando! *(para Angustia)* Tem certeza?

ANGUSTIAS – Tenho.

BERNARDA – Procurou bem?

ANGUSTIAS – Procurei, mãe.

Estão todas de pé, em meio a um silêncio embaraçoso.

BERNARDA – No fim da minha vida, vocês me fazem beber o veneno mais amargo que uma mãe pode aguentar. *(para Poncia)* Encontrou?

Poncia entra.

PONCIA – Está aqui.

BERNARDA – Onde estava?

PONCIA – Estava...

BERNARDA – Diga, sem medo.

PONCIA – *(incomodada)* No meio dos lençóis da cama da Martírio.

BERNARDA – *(para Martírio)* É verdade?

MARTIRIO – É verdade!

BERNARDA – *(avança e bate nela com a bengala)* Que a vida te bata com força, mosca morta! Plantando discórdia!

MARTIRIO – *(feroz)* A senhora não me bata, mãe!

BERNARDA – Bato o quanto eu quiser!

MARTIRIO – Só se eu deixar! Está ouvindo? Saia!

PONCIA – Respeite sua mãe!

ANGUSTIAS – *(agarra Bernarda)* Largue dela, por favor!

BERNARDA – Nem lágrimas esses teus olhos têm mais.

MARTIRIO – Não vou chorar só para lhe dar esse gosto.

BERNARDA – Por que pegou o retrato?

MARTIRIO – Não posso nem fazer uma brincadeira com minha irmã? Para que mais ia querer o retrato!

ADELA – *(adianta-se cheia de ciúmes)* Não foi brincadeira, você nunca gostou de brincadeiras. Foi outra coisa que te arrebatava no peito querendo sair. Diga de uma vez.

MARTIRIO – Cale a boca e não me faça falar, porque se eu falar as paredes se juntam umas com as outras de vergonha!

ADELA – Língua venenosa, nunca para de inventar!

BERNARDA – Adela!

MADALENA – Vocês estão loucas.

AMELIA – E nos apedrejam com maus pensamentos.

MARTIRIO – Outras fazem coisas piores!

ADELA – Até ficarem nuas de uma vez e serem levadas para o rio.

BERNARDA – Perversa!

ANGUSTIAS – Não tenho culpa do Pepe el Romano me escolher.

ADELA – Pelo seu dinheiro!

ANGUSTIAS – Mãe!

BERNARDA – Silêncio!

MARTIRIO – Pelos seus pântanos e arvoredos.

MADALENA – É isso mesmo!

BERNARDA – Silêncio eu disse! Eu vi a tormenta chegando, mas não pensei que fosse tão logo. Ai, que granizo de ódio vocês lançam no meu coração! Mas ainda não estou velha e tenho cinco correntes para vocês e esta casa erguida pelo meu pai para que nem as ervas saibam da minha desolação. Fora daqui!

Saem. Bernarda se senta, desolada. A Poncia de pé, apoiada à parede. Bernarda reage, bate a bengala no chão e diz:

BERNARDA – Tenho que descer a mão nelas! Bernarda, não esqueça que essa é sua obrigação!

PONCIA – Posso falar?

BERNARDA – Fale. Sinto que tenha ouvido. Nunca fica bem uma estranha no centro da família.

PONCIA – O que está visto, visto está.

BERNARDA – Angústias tem de casar logo.

PONCIA – Claro. Precisa tirar ela daqui.

BERNARDA – Ela não. Ele!

PONCIA – Claro. Tem que afastar ele daqui! Pensou bem.

BERNARDA – Eu não penso. Tem coisas que não se pode nem pensar. Eu ordeno.

PONCIA – E acha que ele vai querer ir embora?

BERNARDA – (*levanta-se*) O que você tem em mente?

PONCIA – Ele, claro, vai casar com Angústias!

BERNARDA – Fala. Te conheço muito bem e sei que já está com a faca na mão.

PONCIA – Nunca pensei que podiam chamar de assassinato um aviso.

BERNARDA – Tem de me alertar de alguma coisa?

PONCIA – Eu não acuso, Bernarda, só te digo o seguinte: abra os olhos e veja.

BERNARDA – Ver o quê?

PONCIA – Você sempre foi alerta. Via a maldade nas pessoas a cem léguas; muitas vezes pensei que você adivinhava pensamentos. Mas os filhos são os filhos. Agora você está cega.

BERNARDA – Está falando de Martírio?

PONCIA – Bom. De Martírio... (*curiosa*) Por que será que escondeu o retrato?

BERNARDA – (*procura proteger a filha*) Afinal, ela disse que era uma brincadeira. O que mais pode ser?

PONCIA – (*com ironia*) Acha mesmo isso?

BERNARDA – (*enérgica*) Não acho. Eu sei!

PONCIA – Basta. É assunto seu. Mas se fosse da vizinha da frente, o que seria?

BERNARDA – Já começa a mostrar a ponta da faca.

PONCIA – (*sempre com crueldade*) Não, Bernarda, aqui está acontecendo uma coisa muito grande. Não quero dizer que a culpa é sua, mas você não deu liberdade para suas filhas. A Martírio está apaixonada, diga você o que quiser. Por que não deixou ela casar com o Enrique Humanes? Por que no dia mesmo que ele ia chegar na janela, você mandou dizer que não viesse?

BERNARDA – (*intensa*) E faria a mesma coisa mil vezes! Meu sangue não se junta com o dos Humanes enquanto eu estiver viva! O pai dele foi peão.

PONCIA – Você sempre com esse orgulho!

BERNARDA – Tenho orgulho porque posso ter. E você não tem porque sabe muito bem qual é a sua origem.

PONCIA – (*com ódio*) Não me lembre disso! Já estou velha. Sempre agradei a sua proteção.

BERNARDA – (*altiva*) Pois não parece!

PONCIA – (*com ódio envolto em suavidade*) A Martírio vai esquecer disso.

BERNARDA – E se não esquecer, pior para ela. Não acredito que isso seja a “coisa muito grande” que está acontecendo aqui. Aqui não está acontecendo nada. Você ia gostar disso! E se acontecer algum dia, pode ter certeza que não vai além das paredes.

PONCIA – Não sei, não! No povoado também tem gente que lê de longe os pensamentos secretos.

BERNARDA – Como você ia gostar de ver eu e minhas filhas a caminho do bordel!

PONCIA – Ninguém sabe o seu fim!

BERNARDA – Eu sei, sim, o meu fim! E o das minhas filhas! O bordel fica para alguma mulher que já morreu...

PONCIA – (*feroz*) Bernarda, respeite a memória da minha mãe!

BERNARDA – Você não me persiga com seus maus pensamentos!

Pausa.

PONCIA – Melhor seria eu não me meter em nada.

BERNARDA – É isso que devia fazer. Trabalhar e calar é a obrigação dos que vivem de salário.

PONCIA – Mas não é possível. Você não acha que Pepe estaria mais bem casado com Martírio, ou... é! Com Adela?

BERNARDA – Não acho.

PONCIA – (*insinuante*) Adela. Essa é a verdadeira noiva do Romano!

BERNARDA – As coisas nunca são ao nosso gosto.

PONCIA – Mas é muito duro se desviar da verdadeira inclinação. Eu não acho nada bom o Pepe casar com a Angústias, o povo também acha, até o ar acha. Quem sabe se eles seguem o rumo deles!

BERNARDA – Você insiste outra vez!... Se esgueira para me encher de pesadelos. Eu não quero te entender, porque se chegar a esse ponto que você diz, eu teria de te esfolar.

PONCIA – O sangue não chegaria ao rio!

BERNARDA – Felizmente, minhas filhas me respeitam e jamais contrariaram minha vontade!

PONCIA – Isso mesmo! Mas se você soltar, elas sobem no telhado.

BERNARDA – Faça elas descerem a pedradas!

PONCIA – Claro, você é a mais valente!

BERNARDA – Sempre gastei em pimenta da boa!

PONCIA – Mas como são as coisas! Na sua idade, ter de ver o entusiasmo da Angústias pelo noivo! E ele também parece bem assanhado! Ontem,

meu filho mais velho me contou que passou pela rua às quatro e meia da manhã, e eles ainda estavam conversando.

BERNARDA – Às quatro e meia!

ANGUSTIAS – (*entra*) Mentira!

PONCIA – Foi o que me contaram.

BERNARDA – (*para Angústias*) Fala!

ANGUSTIAS – Faz mais de uma semana que o Pepe vai embora à uma. Que Deus me mate se estou mentindo.

MARTIRIO – (*entra*) Eu também ouvi ele indo embora às quatro.

BERNARDA – Mas viu com seus próprios olhos?

MARTIRIO – Não quis espiar. Vocês agora não conversam na janela do beco?

ANGUSTIAS – Converso pela janela do meu quarto.

Adela aparece na porta.

MARTIRIO – Então...

BERNARDA – O que está acontecendo aqui?

PONCIA – Trate de se informar! Mas a verdade é que o Pepe estava numa grade da sua casa às quatro da madrugada.

BERNARDA – Tem toda certeza?

PONCIA – Não se tem certeza de nada nesta vida.

ADELA – Mãe, não dê ouvidos a quem quer condenar nós todas.

BERNARDA – Eu saberei me informar! Se a gente deste povoado quer levantar falso testemunho, vão se ver com minha carabina. Que não falem nesse assunto. Às vezes, levantam uma onda de lama para nos pôr a perder.

MARTIRIO – Eu não gosto de mentir.

PONCIA – Alguma coisa tem, sim.

BERNARDA – Não tem nada. Eu nasci para ter os olhos abertos. Agora vou vigiar sem fechar os olhos até morrer.

ANGUSTIAS – Eu tenho o direito de ficar sabendo.

BERNARDA – Você só tem o direito de obedecer. Nada de leva e traz. (*Para Poncia*) E você, meta-se com os problemas da sua casa. Aqui não se dá mais nem um passo sem que eu saiba!

CRIADA – (*entra*) Tem uma gentarada no fim da rua e os vizinhos estão todos nas portas!

BERNARDA – (*para Poncia*) Corra ver o que é! (*As mulheres correm para sair*) Onde vão? Eu sempre soube que vocês eram mulheres janelleiras que não respeitam o luto. Vocês todas, para o pátio!

Saem, sai Bernarda. Ouve-se ruído distante. Martírio e Adela entram e ficam escutando sem se atrever a dar nem mais um passo para a porta de saída.

MARTIRIO – Agradeça que eu por acaso não abri a boca.

ADELA – Eu também teria falado.

MARTIRIO – E o que você ia dizer? Querer não é fazer.

ADELA – Faz quem pode e quem sai na frente. Você queria, mas não conseguiu.

MARTIRIO – Você não pode mais continuar.

ADELA – Ele vai ser todo meu!

MARTIRIO – Eu desfaço os seus abraços.

ADELA – (*suplicante*) Martírio, me deixe!

MARTIRIO – De nenhuma!

ADELA – Ele me quer na casa dele!

MARTIRIO – Vi como te abraçava!

ADELA – Eu não queria. Foi como se me arrastasse com uma corda.

MARTIRIO – Você há de morrer primeiro!

Entram Madalena e Angústias. O tumulto fica mais intenso.

PONCIA – (*entra com Bernarda*) Bernarda!

BERNARDA – O que está acontecendo?

PONCIA – A filha da Librada, a solteira, teve um filho, não se sabe de quem.

ADELA – Um filho?

PONCIA – E para esconder a vergonha, matou a criança e enfiou debaixo de umas pedras, mas uns cachorros com mais coração que muita gente, tiraram ele e como se fossem levados pela mão de Deus, deixaram na soleira da porta dela. Agora querem matar ela. Estão arrastando pela rua, e

pelas trilhas e terrenos do olival os homens estão vindo correndo, dando uns gritos que fazem o campo tremer.

BERNARDA – Isso, que venham todos com varas de oliveira e cabos de enxada, que venham todos para matar essa mulher.

ADELA – Não. Não, matar não!

MARTIRIO – Matar, sim, e vamos sair nós também.

BERNARDA – E que pague aquela que pisoteia a própria decência.

Ouve-se fora de cena um grito de mulher e grande ruído.

ADELA – Deixem ela escapar! Não saiam vocês!

MARTIRIO – *(olha para Adela)* Que pague o que deve!

BERNARDA – *(debaixo do arco)* Acabem com ela antes que cheguem os guardas!
Carvão em brasa no lugar do seu pecado!

ADELA – *(aperta o ventre)* Não! Não!

BERNARDA – Matem! Matem!

Cortina.

TERCEIRO ATO

Quatro paredes brancas ligeiramente azuladas do pátio interno da casa de Bernarda. É noite. A decoração deve ser de perfeita simplicidade. As portas, iluminadas pela luz do interior da casa, dão um tênue fulgor à cena.

No centro, uma mesa com um lampião, à qual estão comendo Bernarda e suas filhas. A Poncia as serve. Prudência sentada separada.

Ao abrir-se o pano, um grande silêncio interrompido pelo ruído de pratos e talheres.

PRUDENCIA – Eu já vou. Fiz uma visita demorada. *(levanta-se)*

BERNARDA – Espera, mulher. Não nos vemos nunca.

PRUDENCIA – Já deram o último toque para o rosário?

PONCIA – Ainda não. *(Prudência se senta)*

BERNARDA – E seu marido como está?

PRUDENCIA – Igual.

BERNARDA – Nunca mais vimos.

PRUDENCIA – Já sabem o costume dele. Desde que brigou com os irmãos por causa da herança, nunca mais saiu pela porta da rua. Põe uma escada e pula as paredes do curral.

BERNARDA – É um homem de verdade. E com a sua filha...?

PRUDENCIA – Ele não perdoa.

BERNARDA – Faz bem.

PRUDENCIA – Não sei o que dizer. Eu sofro com isso.

BERNARDA – Uma filha que desobedece deixa de ser filha para virar inimiga.

PRUDENCIA – Eu deixo a água correr. Não me resta outro consolo senão me refugiar na igreja, mas como estou perdendo a visão vou ter de parar de vir para os meninos não me incomodarem. *(ouve-se um golpe como se na parede)* O que é isso?

BERNARDA – O cavalo garanhão que está preso e dá coices na parede. *(Grita)* Arreiem esse bicho e levem para o curral. *(em voz baixa)* Deve estar com calor.

PRUDENCIA – Vai levar para as potras novas?

BERNARDA – Ao amanhecer.

PRUDENCIA – Você soube aumentar o seu gado.

BERNARDA – À custa de dinheiro e preocupação.

PONCIA – *(intervém)* Mas tem a melhor manada de todo este arredor! Uma pena estar com preço baixo.

BERNARDA – Quer um pouco de queijo e mel?

PRUDENCIA – Estou sem vontade.

Ouve-se outro golpe.

PONCIA – Meu Deus!

PRUDENCIA – Ecoou dentro do meu peito!

BERNARDA – *(levanta-se, furiosa)* Tem de dizer as coisas duas vezes? Deixem o cavalo rolar nos montes de palha! *(pausa e como se falasse com os peões)* Pois fechem as potras na quadra, mas deixem ele livre, senão derruba as paredes. *(dirige-se à mesa)* Ai, que vida!

PRUDENCIA – Batalhando como um homem.

BERNARDA – Pois é. *(Adela se levanta da mesa)* Aonde vai?

ADELA – Beber água.

BERNARDA – *(em voz alta)* Traga uma jarra de água fresca. *(Para Adela)* Pode sentar.
(Adela se senta)

PRUDENCIA – Angústias quando casa?

BERNARDA – Não fazer o pedido daqui a três dias.

PRUDENCIA – Você está contente!

ANGUSTIAS – Claro!

AMELIA – *(para Madalena)* Você derramou o sal.

MADALENA – Não vai piorar a sua sorte.

AMELIA – Sempre traz uma sombra ruim.

BERNARDA – Ora!

PRUDENCIA – *(para Angústias)* Ele te deu o anel?

ANGUSTIAS – Veja. *(mostra o anel)*

PRUDENCIA – É lindo. Três pérolas. No meu tempo, o sentido de pérola era lágrima.

ANGUSTIAS – Mas as coisas mudaram.

ADELA – Eu acho que não. As coisas sempre querem dizer a mesma coisa. Os anéis de noivado devem ser de diamante.

PRUDENCIA – É mais próprio.

BERNARDA – Com pérolas ou sem pérolas, as coisas são como se propõem.

MARTIRIO – Ou como Deus dispõe.

PRUDENCIA – Me disseram que os móveis são lindos.

BERNARDA – Gastei dezesseis mil reais.

PONCIA – *(intervém)* O melhor é a cristaleira.

PRUDENCIA – Nunca vi um móvel desses.

BERNARDA – A gente tinha arca.

PRUDENCIA – O importante é que seja tudo para o bem.

ADELA – Nunca se sabe.

BERNARDA – Não tem porque não ser.

Ouve-se toque de sinos muito distante.

PRUDENCIA – O último toque. *(Para Angústias)* Eu volto para você me mostrar a roupa.

ANGUSTIAS – Quando quiser.

PRUDENCIA – Que Deus nos dê boa noite.

BERNARDA – Adeus, Prudência.

AS CINCO – *(a uma só voz)* Vá com Deus.

Pausa. Prudência sai.

BERNARDA – Terminamos de comer.

ADELA – Vou dar uma chegada no portão para esticar as pernas e tomar um pouco de ar fresco.

Madalena se senta numa cadeira baixa, encostada à parede.

AMELIA – Vou com você.

MARTIRIO – Eu também.

ADELA – *(com ódio contido)* Não vou me perder.

AMELIA – A noite quer companhia. *(saem)*

Bernarda se senta e Angústias libera a mesa.

BERNARDA – Já disse que quero que você fale com sua irmã Martírio. O que aconteceu com o retrato foi brincadeira e você tem de esquecer.

ANGUSTIAS – A senhora sabe que ela não gosta de mim.

BERNARDA – Cada um sabe o que pensa por dentro. Eu não me meto nos corações, mas quero boa fachada e harmonia familiar. Entende?

ANGUSTIAS – Entendo.

BERNARDA – Então, pronto.

MADALENA – *(quase dormindo)* Além disso, você vai embora dentro de um nada!
(adormece)

ANGUSTIAS – Tarde, me parece!

BERNARDA – A que hora terminou a conversa essa noite?

ANGUSTIAS – Meia noite e meia.

BERNARDA – O que conta o Pepe?

ANGUSTIAS – Achei que estava distraído. Fala comigo sempre como se estivesse pensando em outra coisa. Se pergunto o que acontece, ele me responde: “Nós homens temos nossas preocupações.”

BERNARDA – Você não deve perguntar. E quando casar, menos ainda. Fale quando ele falar e olhe quando ele te olhar. Assim evita desgosto.

ANGUSTIA – Eu acho, mãe, que ele me esconde muita coisa.

BERNARDA – Não queira descobrir, não pergunte e, claro, que ele nunca te veja chorar.

ANGUSTIAS – Devia estar contente e não estou.

BERNARDA – Tanto faz.

ANGUSTIAS – Tem noites que olho muito fixo para o Pepe e ele fica borrado do outro lado da grade, como se estivesse coberto por uma nuvem de pó daquelas que o rebanho levanta.

BERNARDA – Isso é fraqueza.

ANGUSTIAS – Tomara.

BERNARDA – Ele vem hoje de noite?

ANGUSTIAS – Não. Foi para a capital com a mãe.

BERNARDA – Então dormimos mais cedo. Madalena!

ANGUSTIAS – Está dormindo.

Adela, Martírio e Amélia entram.

AMELIA – Que noite mais escura!

ADELA – Não se enxerga nem a dois passos de distância.

MARTIRIO – Noite boa para ladrões que precisam de esconderijo.

ADELA – O cavalo garanhão estava no meio do curral. Branco! Enorme! Enchia o escuro todo.

AMELIA – É verdade. Dava medo. Parecia uma assombração!

ADELA – No céu tem umas estrelas grandes como punhos.

MARTIRIO – Essa aí fica olhando que quase destronca o pescoço.

ADELA – Você não gosta de estrelas?

MARTIRIO – Para mim as coisas do telhado para cima não me importam nada. Me basta o que acontece dentro de casa.

ADELA – É assim para você.

BERNARDA – Para um é assim, para outro é assado.

ANGUSTIAS – Boa noite.

ADELA – Já vai deitar?

ANGUSTIAS – Vou. O Pepe não vem hoje. *(sai)*

ADELA – Mãe, por que quando cai uma estrela e brilha um relâmpago se diz:
Santa Bárbara bendita,
que no céu estás escrita
com papel e água bendita?

BERNARDA – Os antigos sabiam muitas coisas que nós esquecemos.

AMELIA – Eu fecho olhos para não ver.

ADELA – Eu não. Eu gosto de ver correr cheio de luz o que está quieto e quieto
anos inteiros.

MARTIRIO – Mas essas coisas não têm nada a ver com a gente.

BERNARDA – E é melhor não pensar nelas.

ADELA – Que noite mais bonita! Queria ficar acordada até muito tarde para
aproveitar o frescor do campo.

BERNARDA – Mas tem de ir para a cama. Madalena!

AMELIA – Essa aí está no primeiro sono.

BERNARDA – Madalena!

MADALENA – *(irritada)* Me deixem em paz!

BERNARDA – Para a cama!

MADALENA – *(levanta-se mal humorada)* Não deixam ninguém sossegada! *(sai
resmungando)*.

AMELIA – Boa noite. *(sai)*

BERNARDA – Vão vocês também.

MARTIRIO – Por que o noivo da Angústias não veio esta noite?

BERNARDA – Está viajando.

MARTIRIO – *(olha para Adela)* Ah!

ADELA – Até amanhã. *(sai)*

Martírio bebe água e sai lentamente, a olhar para a porta do curral. Poncia entra.

PONCIA – Ainda está aqui?

BERNARDA – Gozando o silêncio e sem conseguir ver alguma coisa tão grande que você disse que está acontecendo aqui.

PONCIA – Bernarda, não vamos falar disso.

BERNARDA – Nesta casa não tem sim, nem não. Minha vigilância pode tudo.

PONCIA – Não acontece nada por fora. É verdade. Suas filhas vivem como se estivessem trancadas no armário. Mas nem você, nem ninguém consegue vigiar o que vai dentro dos peitos.

BERNARDA – Minhas filhas têm a respiração tranquila.

PONCIA – Isso interessa para você que é mãe. Para mim, trabalhar na sua casa já basta.

BERNARDA – Agora você fica quieta.

PONCIA – Me ponho no meu lugar e em paz.

BERNARDA – O que acontece é que você não tem nada para dizer. Se nesta casa nascesse mato, você se encarregava de trazer as ovelhas da vizinhança para pastar,

PONCIA – Eu calo mais do que você imagina.

BERNARDA – Seu filho continua vendo o Pepe à quatro da manhã? Continuam desfiando a mesma ladainha maldosa sobre esta casa?

PONCIA – Não dizem nada.

BERNARDA – Porque não podem. Porque não tem carne para morder. Isso se deve à vigilância dos meus olhos!

PONCIA – Bernarda, eu não quero falar porque tenho medo das suas intenções. Mas não fique tão segura.

BERNARDA – Seguríssima!

PONCIA – Pode ser que de repente caia um raio! Pode ser que de repente um golpe de sangue pare o seu coração.

BERNARDA – Aqui não vai acontecer nada. Eu estou alerta contra os seus palpites.

PONCIA – Pois melhor para você.

BERNARDA – Não faltava mais nada!

CRIADA – (*entra*) Já terminei de lavar os pratos. Quer alguma coisa, Bernarda?

BERNARDA – (*levanta-se*) Nada. Eu vou descansar.

PONCIA – Que hora quer que te chame?

BERNARDA – Hora nenhuma. Esta noite vou dormir bem (*sai*)

- PONCIA – Quando a pessoa não pode com o mar, o mais fácil é virar de costas para não ver as ondas.
- CRIADA – É tão orgulhosa que ela mesma põe uma venda nos olhos.
- PONCIA – Mas eu não posso fazer nada. Quis falar das coisas, mas já estão me assustando demais. Está ouvindo esse silêncio? Pois tem uma tormenta em cada canto. No dia que explodir arrasa com nós todas. Eu falei o que tinha que falar.
- CRIADA – A Bernarda acha que ninguém pode com ela e não sabe a força que tem um homem entre mulheres sozinhas.
- PONCIA – Nem tudo é culpa do Pepe el Romano. É verdade que ano passado andou atrás da Adela e ela estava louca por ele, mas ela devia ficar no seu lugar e não provocar. Um homem é um homem.
- CRIADA – Há quem diga que ele falou muitas vezes com a Adela.
- PONCIA – É verdade. *(em voz baixa)* E outras coisas também.
- CRIADA – Não sei o que vai acontecer aqui.
- PONCIA – Eu gostaria de cruzar o mar e abandonar esta casa de guerra.
- CRIADA = A Bernarda está apressando o casamento e pode ser que não aconteça nada.
- PONCIA – As coisas já ficaram maduras demais. A Adela está decidida a tudo e as outras vigiam sem descanso.
- CRIADA – A Martírio também?
- PONCIA – Essa é a pior de todas. É um poço de veneno. Sabe que o Romano não é para ela, mas acabava com o mundo se pudesse.
- CRIADA – Elas são ruins!
- PONCIA – São mulheres sem homem, só isso. Nessas questões a gente esquece até da família. Shhh! *(escuta)*
- CRIADA – O que foi?
- PONCIA – *(levanta-se)* Os cachorros estão latindo.
- CRIADA – Deve ter passado alguém pelo portão.

Adela entra de anágua e corpete brancos.

- PONCIA – Você não tinha ido deitar?
- ADELA – Vim beber água. *(bebe de um copo da mesa)*

PONCIA – Achei que estava dormindo.
 ADELA – A sede me acordou. E vocês não vão dormir?
 CRIADA – Agora mesmo.

Adela sai.

PONCIA – Vamos.
 CRIADA – Nós merecemos o sono. Bernarda não me deixa sossegada o dia inteiro.
 PONCIA – Leve o lampião.
 CRIADA – Os cachorros estão que parecem loucos.
 PONCIA – Não vão deixar a gente dormir. (*saem*)

A cena fica quase escura. Entra Maria Josefa com uma ovelha nos braços.

MARIA JOSEFA – Ovelhinha, filho meu,
 vamos pra beira do mar.
 A formiguinha estará na porta,
 e eu te dou o peito e o pão.

 Bernarda, cara de leoparda.
 Madalena, cara de hiena.
 Ovelhinha.
 Mééé, méééé.
 Vamos aos ramos do portal de Belém.

Ri.

Nem você, nem eu queremos dormir.
 A porta se abrirá sozinha
 e, na praia, nós entramos
 numa choça de coral.

Bernarda, cara de leoparda.

Madalena, cara de hiena.

Ovelhinha.

Mééé, méééé.

Vamos aos ramos do portal de Belém.

Sai cantando.

Adela entra. Olha de um lado e outro, secreta, e desaparece pela porta do curral

Martírio entra por outra porta e fica à espreita no meio do palco. Também está de anágua. Agasalhada com um pequeno xale preto até a cintura.

Maria Josefa entra na frente dela.

MARTIRIO – Avó, aonde a senhora vai?

MARIA JOSEFA – Vai abrir a porta para mim? Quem é você?

MARTIRIO – Como está aqui?

MARIA JOSEFA – Escapei. Você quem é?

MARTIRIO – Vá para a cama.

MARIA JOSEFA – Você é a Martírio. Já estou vendo. Martírio, cara de martírio. E quando você vai ter filho? Eu tive este aqui.

MARTIRIO – Onde pegou essa ovelha?

MARIA JOSEFA – Já sei que é uma ovelha. Mas por que uma ovelha não pode ser um filho? Melhor ter uma ovelha do que não ter nada. Bernarda, cara de leoparda. Madalena cara de hiena.

MARTIRIO – Não fale alto.

MARIA JOSEFA – É verdade. Está tudo muito escuro. Como eu tenho cabelo branco, você acha que não posso ter filho, é, sim, filhos e filhos e filhos. Este menino de cabelo branco vai ter outro menino e esse, outro e todos com o cabelo branco de neve, seremos as ondas, uma e outra e outra. Depois sentamos todos e todos vamos ter cabelo branco e seremos espuma. Por que aqui não tem espumas? Aqui não nada mais que mantos de luto.

MARTIRIO – Quieta, quieta.

MARIA JOSEFA – Quando minha vizinha tinha filho, eu levava chocolate para ele e aí ela me trazia o menino e assim sempre, sempre, sempre. Você vai ficar

de cabelo branco, mas não vai vir nenhuma vizinha. Eu tenho que ir porque tenho medo que os cachorros me mordam. Você vai comigo para o campo? Eu não quero campo. Eu quero casas, mas casas abertas e as vizinhas sentadas nas suas camas com seus meninos pequenos e os homens sentados em cadeiras do lado de fora. Pepe el Romano é um gigante. Vocês todas querem ele. Mas ele vai devorar vocês porque vocês são grãos de trigo. Não, grãos de trigo, não. Rãs sem língua!

MARTIRIO – *(enérgica)* Vamos, vá para a cama. *(a empurra)*

MARIA JOSEFA – Vou, mas depois você abre para mim, não é?

MARTIRIO – Abro, sim.

MARIA JOSEFA – *(chorando)*

Carneirinho, filho meu,
Vamos pra beira do mar.
A formiguinha estará na porta
e eu te dou o peito e o pão.

Sai. Martírio fecha a porta por onde ela saiu, e vai para a porta do curral.

Ali vacila, mas avança mais dos passos.

MARTIRIO – *(em voz baixa)* Adela. *(pausa. Avança para a porta. Em voz alta)* Adela!

Adela aparece. Um pouco despenteada.

ADELA – O que você quer?

MARTIRIO – Deixa esse homem!

ADELA – Quem é você para me dizer isso?

MARTIRIO – Esse não é lugar para uma mulher honrada.

ADELA – Que vontade você tem de estar esse lugar.

MARTIRIO – *(em voz mais alta)* Chegou a hora de eu falar. Isso não pode continuar.

ADELA – É só o começo. Eu tive força para enfrentar. O brio, o mérito que você não tem. Vi a morte debaixo deste teto e saí para buscar o que era meu. O que me pertencia.

MARTIRIO – Esse homem sem alma veio por outra. Você se pôs na frente.

- ADELA – Veio pelo dinheiro, mas os olhos, sempre pôs em mim.
- MARTÍRIO – Eu não permito que você fique com ele. Ele vai casar com Angústias.
- ADELA – Você sabe melhor do que eu que ele não gosta dela.
- MARTÍRIO – Sei.
- ADELA – Sabe porque viu que ele gosta de mim.
- MARTÍRIO - (*desesperada*) Eu sei.
- ADELA - (*aproxima-se*) Gosta de mim, de mim.
- MARTÍRIO – Me crave uma faca se quiser, mas não me fale assim.
- ADELA – Por isso você não quer que eu vá com ele. Não te importa que ele abrace a quem não ama. Nem eu me importo. Pode passar cem anos com Angústias, mas que me abrace a mim, isso é terrível, porque você também gosta dele. Gosta dele!
- MARTÍRIO – (*dramática*) Gosto! Deixa eu dizer com a cabeça descoberta. Gosto!
E que meu peito arrebente como uma granada de amargura. Gosto dele!
- ADELA – (*num repente, abraça Martírio*) – Martírio, Martírio. Eu não tenho culpa.
- MARTÍRIO - Não me abrace! Não tente turvar os meus olhos! Não temos mais o mesmo sangue. E mesmo que quisesse te ver como irmã, te vejo só como mulher. (*empurra-a*)
- ADELA – Aqui não tem mais remédio. Quem tiver de se afogar que se afogue. Pepe el Romano é meu. Ele me leva para os juncos da margem.
- MARTÍRIO – Não vai ser assim!
- ADELA - Já não aguento mais o horror destes tetos depois de ter provado o gosto da boca dele. Serei o que ele quiser que eu seja. Todo o povo contra mim, me queimando com seus dedos de brasas, perseguida pelos que dizem que são decentes, e vestirei a coroa de espinhos das que são queridas por um homem casado.
- MARTÍRIO – Cale a boca!
- ADELA – Claro, claro. (*em voz baixa*) Vamos dormir, vamos deixar que ele case com Angústias, não me importa mais. Mas eu vou para uma casa pequena, sozinha, e ele vai me ver quando quiser, quando tiver vontade.
- MARTÍRIO – Isso não vai acontecer enquanto eu tiver uma gota de sangue no corpo.

ADELA – Com você não, porque você é fraca. Sou capaz de pôr de joelhos um cavalo empinado com a força do meu dedo mindinho.

MARTIRIA – Não levante essa voz que me irrita. Meu coração está cheio de uma força tão má, que mesmo que eu não queira, me sufoca a mim mesma.

ADELA – Nos ensinam a amar as irmãs, mas Deus deve ter me deixado sozinha na escuridão, porque te vejo como se não tivesse visto nunca.

Ouve-se um assobio e Adela corre para a porta, mas Martírio se põe na frente dela.

MARTIRIO – Onde você vai?

ADELA – Saia da porta!

MARTIRIO – Passe, se conseguir!

ADELA – Saia!

MARTÍRIO – Mãe! Mãe!

ADELA – Me deixe!

Bernarda aparece. Está com roupa de baixo e um xale preto.

BERNARDA – Quietas, quietas. Que pobreza a minha de não ter um raio entre os dedos!

MARTIRIO – Ela estava com ele! Voltou com a saia cheia de palha de trigo.

BERNARDA – Essa é a cama das mal nascidas. *(avança furiosa para Adela)*

ADELA – *(enfrenta a mãe)* Acabaram-se as ordens de presidio. *(arrebata a bengala da mãe e a quebra no joelho)*. É isto o que eu faço com a vara da dominadora. Não dê mais nem um passo. Em mim ninguém manda! Só Pepe!

Madalena entra.

MADALENA – Adela!

Poncia e Angústias entram.

ADELA – Sou mulher dele. *(para Angústias)* Fique você sabendo e vá dizer isso para ele no curral. Ele vai dominar esta casa toda. Ele está aí fora, respirando como um leão.

ANGUSTIAS – Meu Deus!

BERNARDA – A arma! Onde está a arma?! *(sai depressa)*

Ao fundo, entra Amélia, que olha por cima do muro, aterrorizada. Atrás dela, Martirio.

ADELA - Ninguém vai me impedir! *(vai sair)*

ANGUSTIAS – *(a detém)* Daqui você não sai com seu corpo em triunfo, ladra! desonra da nossa casa!

MADALENA – Deixe que ela vá aonde a gente nunca mais veja.

Soa um tiro.

Bernarda entra e a impede.

BERNARDA – *(entra)* Vai atrás dele agora!

MARTIRIO – *(entra)* Acabou-se Pepe el Romano.

ADELA – Pepe! Deus meu! Pepe! *(sai correndo)*

PONCIA – Mas você matou ele?

MARTIRIO – Não! Saiu correndo na égua.

BERNARDA – Culpa minha. Uma mulher não sabe apontar.

MADALENA – Por que disse isso então?

MARTIRIO – Por ela! Que um rio de sangue caia na cabeça dela!

PONCIA – Maldita!

MADALENA – Endemoninhada!

BERNARDA – Mas é melhor assim! *(ouve-se algo como um baque)* Adela! Adela!

PONCIA – *(na porta)* Abra!

BERNARDA – Abra. Não pense que as paredes podem te defender da vergonha.

CRIADA – *(entra)* Os vizinhos acordaram!

BERNARDA – *(em voz baixa, como um rugido)* Abra. Senão eu ponho abaixo essa porta. *(pausa. Fica tudo em silêncio)* Adela! *(afasta-se da porta)* Traga um martelo! *(A Poncia dá um empurrão e entra. Ao entrar dá um grito e sai.)* O que foi?

PONCIA – *(leva as mãos ao pescoço)* Que nunca tenhamos esse fim!

A irmãs recuam. A Criada faz o sinal da cruz sobre elas. Bernarda dá um grito e avança.

PONCIA – Não entre!

BERNARDA – Não. Eu não! Pepe você corre vivo pelo escuro das alamedas, mas um dia há de cair. Desçam a minha filha! Minha filha morreu virgem. Levem para o quarto e que seja vestida como uma donzela. Ninguém diga nada! Ela morreu virgem. Avisem para dobrarem os sinos ao amanhecer!

MARTIRIO – Que sorte a dela que esteve com ele.

BERNARDA – E não quero choro. A morte se tem de olhar cara a cara. Silêncio! *(para outra filha)* Calada, eu disse! Lágrimas quando estiver sozinha! Afundaremos todas num mar de luto! Ela, a filha mais nova de Bernarda Alba, morreu virgem. Ouviram? Silêncio, silêncio eu disse. Silêncio!

Cortina.